

# COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo denominado A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulário de la 10)

Redactor principal: ANTONIO TEIXEIRA  
Editor: ANTONIO R. SANTOS  
RUA DO SOL, 131 - PORTO

N.º 18  
N.º 18  
N.º 18

## Para o "Livro do Centenario," CEM ANOS DEPOIS

Endereçada ao antigo jornal A Aurora e assinada por três dos mais usados peladinos das liberdades publicas, entre os quais figura o nome aureolado de Magalhães Lima, o velho e sempre fogoso caudillo da Democracia e do Livre Pensamento, recebemos a circular que a seguir reproduzimos:

Comemorando a Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

Comemorando o primeiro centenario da Revolução de 1820 e o abolição do tribunal inquisitorial...  
A Revolução de 1820, que para nós não tem o mesmo significado que tem para os seus comemoradores de hoje, longe de marcar o inicio das liberdades publicas, serviu apenas para transferir o poder opressivo e tirânico das mãos dos estrangeiros para as mãos dos nacionalistas.

### Em prol de A COMUNA

As numerosas cartas de incentivo e aplauso, pela nossa orientação, bem como os valiosos donativos recebidos, tanto de camaradas residentes no país, como no estrangeiro, demonstram, claramente, o entusiasmo com que A COMUNA tem sido recebida, bem como a absoluta concordância com os principios que defendemos.

Do nosso camarada Antonio Pereira da Silva, de S. Paulo, Brasil, acabamos de receber uma carta, contendo um cheque de 229\$80, produto de uma Rifa, realizada naquela cidade, dum a colação da «Illustração Portuguesa» e cujo produto foi dividido pela COMUNA e pela Plebe.

Ao camarada A. P. da Silva, enviamos um apertado abraço, como prova de reconhecimento pela sua oferta.

### DEIXEM A RUSSIA EM PAZ!

## Aos trabalhadores organizados da Inglaterra

O Comité Nacional «Deixem a Rússia em Paz!» (Hands off Russia!), pede-nos para chamarmos a atenção dos nossos leitores para o seguinte manifesto que, dividido em 10 paragrafos, se torna mais claro e preciso aos oradores que tenham de combater a acção dos capitalistas contra a República dos Sovietes.

1. — Merce dum supremo esforço, os trabalhadores da Rússia conseguiram, em Novembro de 1917, livrar-se do Capitalismo e do Tzarismo.
2. — Nestes dois ultimos annos, eles tem levado a pratica inumeros trabalhos no sentido de manter o seu Estado socialista.
3. — Os aliados moveram uma guerra sem tréguas em todas as frentes e bloqueiam-nos pelo mar. Com esse procedimento, intentam, os Aliados, aumentar-lhes os sofrimentos morais e materiais, matando-lhes, a fome, os homens, as mulheres e as crianças.
4. — A acção dos Aliados, em geral, na Inglaterra em particular, fornecendo gases asfixiantes, bombas, granadas, tanks, etc., aos reactionarios e contra-revolutionarios russos, constitui um dos crimes mais ignominiosos que a Historia registra.
5. — Apesar de todas estas infamias, os operarios e camponeses da Rússia continuam victoriosos e triunfantes.
6. — O general Denikine retirou-se para Londres, hospedando-se no hotel Cadogan, Yudenitch, Fogu, e Koltchak morreu.
7. — Que governo capitalista, ou que forma de governo burgues, na Europa, teria resistido tanto tempo, sob o peso de tantas contrariedades, se não tivesse a apoio-lo, a maioria do povo?
8. — Os bolchevistas tem sido difamados por uma atroz e desleal campanha de mentiras e falsidades, em quase todos os organos da imprensa capitalista. Mas essas mentiras e essas falsidades tem sido desmentidas por todos os observadores independentes que tem visitado a Rússia dos Sovietes.
9. — O grande numero de massacres e atrocidades cometidos pelos generais contra-revolutionarios, reduz a proporções insignificantes, os crimes que imputam aos Bolchevistas.
10. — Os governos burgueses dos Aliados, ainda continuam a intrigar e a fomentar os trabalhadores da Rússia Sovietista.
11. — O pedido de Lord Curzon aos Bolchevistas para cessarem as hostilidades e garantirem a inviolabilidade da Crimeia, de forma a evitar o derramamento de mais sangue, foi seguido, immediatamente, pela offensiva dos Japoneses na Siberia; pelo ataque do general Wrangel, na Crimeia; e pela invasão dos polacos.
12. — Matinhadaira, representante do Japão, afirmou publicamente que a politica do seu pais tinha a plena aprovação dos Aliados, e que as offensivas, depondo cada uma simultaneamente, obedeciam a um plano traçado de antemão. Estas palavras, que nunca foram desmentidas pelos governos ou seus representantes, constituem uma farsa, não só para os Bolchevistas, como para todos os trabalhadores organizados da Grã-Bretanha. Assim de futuro, um e outros não devem fiar-se nas «notas officiosas» que costumam publicar os diplomatas dos Aliados para salvar as apparencias.
13. — Depois da guerra, a Europa também necessita de paz. Mas não basta a paz, a Europa precisa de trabalho. Depois da monstruosa devastação causada pela estúpida guerra imperialista, a energia de milhares e milhares de homens que os governos ainda pretendem empregar em obras de destruição, deva ser aplicada em trabalhos productivos, trabalho de verdadeira utilidade social para a humanidade.
14. — A actual Câmara dos Deputados não fará a paz com a Rússia, a não ser que a isso seja forçada pela acção da classe trabalhadora.
15. — A acção directa libertou os Sinn Feiners que estavam nas prisões, a acção directa aumentou os ordenados aos ferroviarios, a acção directa e a unica coisa que os burgueses temem.
16. — Sua Magestade, o rei George V e partidario da «politica da paz» visto que applicou calorosamente a paralisação do trabalho em 11 de Novembro de 1918, para se comemorar, assim, o dia do Armistício.
17. — Os abafos assinados, pedem ao Comité do Congresso das Trades Unions para convocar, sem demora, uma Conferencia Nacional, a fim de se assentar na melhor maneira de declarar a greve geral por 24 horas, para forçar o Governo Britânico a fazer a paz com a Rússia.
18. — O Comité Nacional «Hands off Russia»

Roberto Smillie, Tom Mann, John Bromley, Isaac Brassington, A. E. Mander, Coronel Milne (uma das victimas do governo ingles, por ter apresentado a sua opiniao independente sobre a Rússia dos Sovietes, após uma viagem official), Principal W. T. Goad, James Winstone, Tom Myers, Ben C. Spoor, George Lansbury, Dr. R. Danstan, Wm. Gallacher, David Kirkwood, George Peck, V. E. Mills, Capitão Grenfell, M. Bamber, Alec Gossin, A. G. Cameron, Fred Shaw, R. Y. Davies.

### Daqui existe a liberdade de imprensa?

Daqui existe a liberdade de imprensa? A imprensa que não é da grei que dominou, como a Batalha, a Bandeira Vermelha, A Comuna e outros jornais... e a cada passo amordaçada e impedida de circular, ora pela censura, ora pela apreensão dos seus portadores, mais ou menos ilegais.

Daqui existe a liberdade de imprensa? A imprensa que não é da grei que dominou, como a Batalha, a Bandeira Vermelha, A Comuna e outros jornais... e a cada passo amordaçada e impedida de circular, ora pela censura, ora pela apreensão dos seus portadores, mais ou menos ilegais.

Daqui existe a liberdade de imprensa? A imprensa que não é da grei que dominou, como a Batalha, a Bandeira Vermelha, A Comuna e outros jornais... e a cada passo amordaçada e impedida de circular, ora pela censura, ora pela apreensão dos seus portadores, mais ou menos ilegais.

Daqui existe a liberdade de imprensa? A imprensa que não é da grei que dominou, como a Batalha, a Bandeira Vermelha, A Comuna e outros jornais... e a cada passo amordaçada e impedida de circular, ora pela censura, ora pela apreensão dos seus portadores, mais ou menos ilegais.

MADAME HAMBURGER

# UM SÍMBOLO

Há nomes que ficam a marcar uma época ou a lembrar uma Iniquidade, umas vezes doirados pelo sol ardente da glória, outras maculados pelo sangue rubro do martírio. A *Miss Cawel* do patriotismo burguês, de uma doçura nostálgica e suave, teve um símile na desventurada Jeanne Laborde, pioneira audaz das mais audazes ideias, sacrificada bárbaramente aos ódios tigrinos de Imperialismos desinteligenciados.

As épocas passam e os nomes ficam, símbolos eternos a activar energias e a virilizar vontades, vibrantes clarins da revolta e do ódio — demonstrações sanguinolentas de *révanche*, às vezes muito justas e muito legítimas.

O nome de Madame Hamburger é um desses nomes. Evocá-lo é evocar um dos mais cruciantes aspectos da terrível luta de classes.

Não teremos talvez forças para contar toda a monstruosa tecitura desta perseguição infamíssima, mas vamos tentar fazê-lo, no desejo ardente e bem sincero de levantar um protesto contra os horrorosos excessos do Terror Branco na Hungria.

Velo contado num livro saído há pouco dos prelos de Viena o martirio de Madame Hamburger.

«Esse livro — disse um camarada Francês que dele se ocupou largamente — deveria traduzir-se em todas as línguas, espalhar-se por todos os países. Seria bom que todos os soldados, todos os operários e todas as mães, todos aqueles que neste furacão de loucura e sangue que tudo invadiu ainda não perderam a sensibilidade humana, o conhecessem e meditassem. Então todo o mundo saberia o que são os cavaleiros da ordem capitalista e o que valem aqueles que na primeira linha combatem pela *civilização* burguesa contra os bolxevistas, contra o livre proletariado Russo.»

O livro começa pela publicação dos documentos colhidos pela Delegação Operária Inglesa quando do seu Inquérito sobre o Terror Branco na Hungria. A seguir, numa série de quadros sobriamente trágicos, vêm as narrativas dos suplicados — e dentre estas recortaremos apenas a que se refere a Madame Hamburger, pelo que tem de expressivamente simbólico no horror da perseguição e na violência do martírio.

Nunca, camaradas! nunca em nossa vida, de bastas e variadas leituras, lemos nada de semelhante! Nem as histórias torvas da Santa Inquisição, rica em crueldades requintadas, se assemelham, pela distancia do tempo e pela diferença dos costumes, á sanha bárbara dos burgueses Hungaros. Lendo estes trechos a pena foge-nos das mãos, sente-se uma vontade indizível de lutar e de vencer e de esmagar — de esmagar e de vencêr essas feras sanguisodentas que a natureza caprichou em revestir de formas humanas mas que de humano tem apenas a fôrma!

«Uma tarde de Dezembro apresentou-se um desconhecido á porta dos Hamburger. Vinha de Viena — esclareceu — trazia uma carta do sr. Hamburger e pedia para falar aos amigos da família. Tratava-se de acudir aos negócios de Madame, com os filhos doentes, atacados pela gripe espanhola, e numa situação difícil. Os amigos chegaram: um empregado dos correios, um ex-empregado do escritório dos Hamburger e outros mais. Logo, com a rapidez cruel do Destino, aparece o «Seftsik» o louco famoso e furioso da perseguição antibolxevista. Acompanham-no oito agentes da policia. Prendem todas as pessoas ali reunidas por uma ignóbil traição. Madame Hamburger resiste, quer ficar junto dos filhos doentes...

— *Mexe-te p... imunda, gritam-lhe.*  
E ela tem de abandonar a família.

«Na caserna de Kelenfold. Procede-se aos interrogatorios. O tenente Hejjas recebe os delinquentes. Tem na mão um revólver, e, a cada um dos que entra, dirige uma frase grosseiramente insultante.»

«Se não falas, p... arreberto-te!»

«Mas a senhora Hamburger nada tem a dizer. Levam-na á célula. Está-se em Dezembro e na Hungria, o frio é de gelar. Deixam-na tremer, enregelada, tempos infinitos. Alfim recomeça o interrogatorio. Um oficial esbofetei-a duas vezes.»

«Aparece o tenente Hejjas a dizer que é preciso divertir a senhora Hamburger. Mandam-lhe que se dispa. Opõe-se. Bate-m-lhe tanto que o sangue começa a tingir-lhe o corpo. Já nua, um destes monstros deita-a por terra, força-lhe as pernas — e faz entrar o punho da sua «kantsouka» no corpo da mulher, ululante de raiva e de vergonha. *On s'amuse magnifiquement!*

«Reconduzem-na então á celula. Madame Hamburger já se não lembra do frio. Mas estes senhores ainda não estão satisfeitos. Levam-na para um outro quarto. E de novo surge o sinistro Hejjas. A *soirée* vai ser arranjada a seu modo... Ma-

## Nos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinhos, 124 c County Street — New Bedford Mass.

Madame Hamburger deve despir-se uma vez mais. Entoam todos uma canção rítmica.

— *Que essa senhora dance!*  
«Ela não quer. Bate-m-lhe até fazer sangue. Obedece então.

Dança! Mas sente-se fatigada. Espancam-na ainda mais rudemente. Desmaia. Trazem-lhe água fria.

Depois, sedentos doutros prazeres, chamam um dos amigos de Hamburger, o empregado dos correios. Mal entra, ordenam-lhe:

— *Vá, abraça aquela p... depois...*

«Neumann protesta. Zangam-se. Quebram-lhe o nariz, arrancam-lhe os dentes. Os delinquentes gemem, os oficiais rejubilam.

— *Assassinos! Cobardes!* — grita-lhes Neumann.

«Um segundo de silencio. Depois um daqueles senhores toma a espada de combate, e enquanto que os outros ligam o desgraçado — castra-o. Mas não é bastante! Neumann, ainda vivo, deve ajoelhar-se diante dos seus carrascos e lambêr o seu sangue. Não é bastante ainda. Está ali um outro delinquente — um droguista. Ordenam-lhe que cõina, ãe que tem fõme... o que se arrancou a Neumann! Madame Hamburger deita-se aos pés destas bestas ferozes e suplica-lhes misericórdia.

— *Bem — respondem-lhe — vai-te daqui... mas para outra sala... para o dormitório dos soldados!*

«Está ali toda a companhia. Madame deve desnudar-se ainda uma outra vez. E' preciso dançar, cantar mesmo. Depois chamam um outro prisioneiro.»

Aqui a narrativa atinge uma naturalidade cruel que fere pela brutalidade. E' monstruoso. E nós ficamos-nos a perguntar se são homens os que estas infâmias ordenam e executam, se pertencem á nossa espécie, se como nós sentem e amam. Será possível que a luta de classes vá tam longe nos próprios que a negam?!  
Vem o prisioneiro.

— *Senhor Kohn — diz-lhe o tenente Hejjas faça-lhe um pequenino Kohn!*

«Ele não pode, e retiram-no imediatamente. Que tragam outro — e aparece o carneiro Weiss. Obrigam-no, chicoteando-o, a chegar-se para a infeliz senhora. Mas está mutilado como Kohn, não pode satisfazer os desejos dos assistentes. Estão ali os soldados, gente disciplinada, pronta para obedecer em tudo. Eles, então! Neste momento entra um outro oficial. Madame Hamburger desmaia. Acabou o seu martirio por aquela noite.»

Vai assim, numa seqüência de visões fantásticas, todo o livro. E' o Terror Branco, o terror burguês que não perdõa e que sente abalados pela propaganda revolucionária os alicerces do seu nefasto poderio. *Madame Hamburger* é um simbolo. Arrasta-se naquele ergástulo quatro semanas mais, e todos os dias ouve as sentinelas a dizer-lhe a profecia sinistra — *Daqui ninguém sai vivo!* O Danubio é largo e é fundo, tem lialdades sinistras de conjurado, não deixa rastros dos crimes de uma burguesia decadente e envilecida...

Todas estas violencias ignobeis se passam sob os olhos de Horty, o governador de Budapeste, que diariamente visita o danado Hejjas, com ãe confabulando longamente, dando ás prepotencias do válido a sanção do Estado. E a desventurada Madame Hamburger por ali ficaria, perdida de todo para a vida dos seus filhos, flor devastada nos seus afetos morais pela loucura espantosa dos sicarios do capitalismo burguês, se uma providencial Comissão de Inquérito das Missões Aliadas, sob pressão do proletariado internacional, não a descobrisse no seu jazigo. Houve receio dum escândalo temeroso, agravado para mais com a misteriosa desapareição do eminente escritor socialista Somogy, e Madame Hamburger foi posta em liberdade, inocente como estava, mas saiu da prisão viuva e desonestada, desonestada nos seus pudores de mulher e nos seus afetos de mãe.

*Madame Hamburger é um simbolo.* Não pelo que fez, não pelo que trabalhou, ignorada mulher dum ignorado funcionário sindical Hungaro, mas pelo que sintetisa de odioso na bárbara *révanche* burguesa que fere doida e cegamente, nem pesando culpas nem escolhendo os culpados.

*Revolucionarios de Portugal!* Aprendei, meditando. Que a nossa Revolução seja bem sólida e bem fecunda para que não traga nas dobras da sua bandeira o Imprevisto trágico da contra-revolução!

L. F.

## BEIAM A minha defesa

POR  
**JORGE ETIEVANT**  
Preço, 50 reis

A' venda na redacção de A COMUNA

## A Africa para os africanos Reclamação aterradora dos negros

Com este título e subtítulo, publicou, o *Daily New*, de Londres, do dia 4 do corrente, o seguinte telegrama que lhe enviaram de New-York.

«Imensamente concorrido começou ontem, 3, o primeiro grave congresso internacional dos negros, que durará 30 dias. O seu movimento começara há pouco e envolve a Africa, assim como as Indias Ocidentais britânicas. Todos os oradores usaram uma linguagem ameaçadora!

«Marcos Harvey, presidente da Associação dos Melhoramentos dos Negros, referindo-se á Africa disse:

— Não preguntaremos á Inglaterra, á França, á Bélgica, ou á Italia — porque estão vocês aqui? — mas simplesmente lhes ordenaremos:

— *Salam imediatamente daqui.*

«O que é bom para os brancos — continuou — é bom para os negros, especialmente a independência, a liberdade e a democracia. Não temos desculpas a pedir, nem compromissos a oferecer. Se os ingleses reivindicam a Inglaterra, os franceses a França, os belgas a Bélgica e os italianos a Italia, como seus habitantes nativos, nós, os negros, exigiremos a Africa e derramaremos o nosso sangue para a reivindicarmos, para ser o nosso património.

Formularemos os direitos para para todas as raças negras com a respectiva constituição para gerir os nossos destinos.

«A mais sangrenta de todas as guerras ainda está para vir, quando a Europa defrontar as suas forças contra a Asia, pois essa será a oportunidade para que os negros desembainhem a espada pela redenção da Africa.»

Devemos convir que, dadas as teorias politicas dos homens de Estado europeus — os povos devem governar-se por si próprios — os negros tem caradas de razão.

## As gorgêtas

Após uma prolongada e titânica luta, os criados de Cafés e Restaurantes de Gijon (Espanha) obtiveram uma completa vitória — os patrões foram obrigados a fazer-lhes as seguintes concessões: três pesetas e meia diárias de salário, com 15 por cento de comissão nas vendas, aos criados de meza; e dez pesetas de salário diário aos criados de copa. Em consequência deste novo contrato de trabalho, ficam abolidas as gorgêtas.

Tomem nota os criados dos estabelecimentos similares de cá. Acabar com a gorgêta, é uma necessidade, porque a gorgêta é imoral, tam imoral como a esmola. Os criados o que devem fazer, é reclamar um salário compensador.

Para mostrar que são homens, e que acompanham a evolução das coisas.

A gente vai a explicar e é logo interrompida:

— Diga, diga depressa, que não estou para massadas.

Ela não quer que a massem o que quer que massar todos. — Porque não velo há mais tempo? — Nós aqui não somos criados de ninguém!

Criados ou não; o que são é *malcriados*.

Em a gente se descuidando um dia, para cumprir um dever, tem logo uma multa ás costas; a autoridade descuida-se um dia, uma semana, meses, anos com grave prejuizo nosso, e ninguém lhe lança multas. Em tudo tem privilégios.

Não podemos comprar, nem vender, nem trocar, nem dar, nem prometer, senão com a autoridade á vista. Ela é quem sabe de tudo.

— *Liberdade de contrato? Quem diz semelhante coisa?*

## Ora toma!...

Os patriotas belgas prometeram, em 1916, uma recompensa a todos os cidadãos que, voluntariamente, se alistassem no exército para combater os alemães.

Terminou a guerra; e ao cabo de ano e meio, lá appareceu na Câmara dos deputados o tal projecto que interessava os voluntários. Mas a sua discussão arrastava-se tam lentamente que os que esperavam pela bolada já estavam a perder as esperanças. De repente, annunciaram-se as *férias do verão*, e o projecto ficou para discutir em Dezembro do ano corrente.

Mas, vai de aí, os voluntários, que não tiveram férias nos campos de batalha, reuniram-se, assaltaram a Câmara e invadiram as salas das sessões, distribuindo alguns sopapos e bengaladas nos deputados que combateram o projecto. Nisto chega a tropa e restabeleceu a «ordem» á força de pranchada. Como desforra, a Câmara deliberou não alterar os seus trabalhos. De modo que os voluntários bem podem esperar... pelos sapatos de defunto.

No entanto, se os desmobilizados tivessem empregado contra os deputados a milésima parte da pólvora que utilizaram contra os alemães, seguramente que não precisariam de esperar por nenhuma espécie de leis — teriam tudo quanto queriam.

Assim, coitados, não tem remédio senão aguentar-se. Até que mudem os processos, lutando contra o Estado e contra as suas instituições, segundo os métodos revolucionários.

## Desgosto de sacristia

Comunicam de Roma que o Vaticano pensa repreender o arcebispo australiano Mannix, por ter dito, numa cidade dos Estados Unidos da América, «que os irlandeses tem razão em pretenderem emancipar-se da tutela infamíssima da Inglaterra. Censurou asperamente este «país de piratas», o que nada nos admira, conhecida como é a sua história. Mas o Vaticano é que não está pelos ajustes — não quer complicações com as grandes potencias nem deseja inimizadas com os «heroicos» gatunos.

E faz bem: — religião e gatunice é tudo a mesma coisa.

*Nada mais corruptor do que o despoitismo. Lança na animalidade, atrofia a sensibilidade, produz um desequilíbrio que acaba em verdadeiras nevroses. Foi devido á intopofência que Caligula, Néro e tantos outros se tornaram uns degenerados. Da mesma maneira os plantadores-ingleses, no sul dos Estados-Unidos, foram completamente depravados pela escravidão. A autoridade imensa do marido corrompe-o.*

J. NOVICOW.

E' uma idea anarquista. Em filosofia, em religião, a autoridade é deista. Todos devem crer em Deus. Deus é o pai dela. Deus é o que lhe dá a força. Deus é a sua imagem e semelhança. Deus é que faz e cria e anima tudo, é ãe que pode, é ãe que manda, é ãe que governa: tal e qual como a autoridade! Ele é omnisciente; ela também. Ele é poderosa; ela é poderosíssima. Ele sábio; ela não lhe fica atrás. Deus dá trovoadas, Inferno, purgatório, diabo; a autoridade descomposturas, penitenciárias, calabouços, pranchadas, tiros-policias.

Em tudo a limitação de Deus — soberano dos soberanos,

(Continúa).

2 Volheim de A COMUNA

## A AUTORIDADE

Excerto duma CARTA ABERTA do Dr. Eduardo Maia a M. Pinheiro Chagas

A autoridade pretende ter a sabedoria de tudo, a sabedoria e a direcção. Nasce uma criança vem logo a autoridade. Os pais e o os padrinhos fornecem a idea do nome; mas é a autoridade que o põe. E unta-a com azeite e deita-lhe sal na boquinha, faz-lhe uma rezasita. Assim é que fica bem; doutro modo não prestava. A autoridade paga-se, já se vê, do trabalho.

Quando a criança cresce e, mais tarde quer casar, lá está a autoridade. Ela é quem sabe

tudo. Só ela é que sabe casar e descasar; os outros não sabem. Casamentos sem autoridade, não tem autoridade, nenhuma. A autoridade paga-se do seu trabalho. Os noivos não deram ainda nada um ao outro, mas a autoridade é a primeira a receber. O noivo e a noiva dizem: recebo a vós; a autoridade faz cõr e diz: *recebo de vós.* Ela recebe de todos. Tem as primicias de tudo.

A gente quer viajar, vai ter com a autoridade, para lhe dar passaporte. Quem quer divertir-se, pague. Quer abrir um estabelecimento? Pague primeiro a licença. Quer pôr uma taboleta? Pois se quizer, pague. E' trabalhador, é artista, industrial, qualquer coisa? Pague primeiro licença!

A autoridade passa por nós na rua e não nos dá importância, nem se arreda, nem faz cumprimento algum. Passa co-

mo um cão, ou como cadela em vinha vindimada. E ela *vindimamos* bem.

Mas nós temos de lhe tirar o chapéu temos de a cumprimentar e de nos retirar para o largo aliás lá está a... cadela! Pudéral faz éla muitissimo bem.

Entramos numa repartição pública, que deve estar funcionando desde uma certa hora. Vamos levar dinheiro, pagar qualquer contribuição ou requerer uma coisa justa.

A autoridade que devia estar ás 9, é meio dia e ainda se não dignou aparecer.

Esperamos duas horas ou tres horas.

Ela aparece afinal; levantamo-nos reverentes, descobertos, com ar humilde e acanhado. Ela passa a fumar, de chapéu na cabeça, ar e modos insolentes, malcriada como sempre. Não nos manda en-

trar, deixa-nos ficar á porta como cães.

Vamos levar-lhe dinheiro e ela dá-se feitiço de que no-lo val fornecer.

— O senhor faz-me a fineza de me dizer, por grande favor, se posso falar ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director?

O continuo, que está a ler um pornográfico, dirige-nos um olhar de desprezo e não responde. E' a autoridade em pessoa!

Passado muito tempo conseguimos entrar no gabinete de sua Ex.<sup>a</sup>, da excelentissima autoridade.

Ela ainda não fez nada, mas já está com pressa de sair; como está com pressa encosta-se na sua cadeira de braços, acende novo charuto, volta-se para o colega e conversa mais uma hora.

— Então o que quer a senhor?